A poesia inglesa de John Donne

Norberto Flach

Para muitas pessoas, o nome de John Donne está associado aos rostos de Gary Cooper e Ingrid Bergman, protagonistas da adaptação cinematográfica do romance de Ernest Hemingway: "Nenhum Homem é uma ilha, plena em si mesma; todo Homem é um pedaço do continente, uma parte do todo (...) a morte de cada Homem me diminui, porque eu estou envolvido pela humanidade; portanto nunca mandes perguntar por quem os sinos doam: eles doam por ti."

Hemingway foi buscar o título e a epígrafe de seu livro na Meditação nº 16, uma das mais sublimes peças de oratória sacra da literatura inglesa. Começamos por onde John Donne terminou: seus últimos dez anos, como deão da Catedral de Saint Paul, foram consagrados à composição de obras de sermonística barroca, nas quais se ombréia com outro dos maiores prosadores da época, o Padre Antônio Vieira.

Mas, voltando para o princípio, apresentamos a poesia de John Donne, cuja reputação, após a exumação crítica de sua obra e da de outros poetas - conhecidos como "metafísicos" - através dos ensaios de T.S. Eliot e Mario Praz, bem como das antologias de Herbert Grierson e Helen Gardner, está estabelecida, espera-se.

Como tantos escritores ingleses, Donne viajou por vários países do continente: foi soldado, agente secreto e secretário particular de Lord Egerton, acumulando, nessas andanças, conhecimento literário, amores febris e inimizades (estas últimas adquiridas ao se casar secretamente com a jovem sobrinha da mulher de seu patrão, fato que lhe custou o emprego e a liberdade).

Quebrando, ao mesmo tempo, com a poesia lírica de Shakespeare e Petrarca, Donne fundiu o "sentir" e o "pensar", integrou dramaticamente, através do wit, a coloquialidade mais direta ao sofisticado raciocínio teológico da Escolástica. Daí se dizer que sua poesia é essencialmente dramática, veementemente gesticulada e, por vezes, quase áspera.

Os dois poemas que seguem põem em evidência, certamente, as virtudes daquele que foi um dos mais vivos e originais poetas ingleses.

WITCHCRAFT BY A PICTURE¹

I fixe mine eye on thine, and there
 Pitty my picture burning in thine eye,
 My picture drown'd in a transparent teare,
 When I looke lower I spie;
 Hadst thou the wicked skill
 By pictures made and mard, to kill,
 How many wayes mightst thou performe thy will?

But now I have drunke thy sweet salt teares,
 And though thou poure more I'll depart;
 My picture vanish'd, vanish feares,
 That I can be endamag'd by that art:
 Though thou retaine of mee
 One picture more, yet that will bee,
 Being in thine owne heart, from all malice free.

WOMANS CONSTANCY²

Now thou hast lov'd me one whole day,
 to morrow when thou leav'st, what wilt thou say?
 Wilt thou then Antedate some new made vow?

Or say that now
 We are not just those persons, which we were?
 Or, that oathes made in reverentiall feare
 Of love, and his wrath, any may forswear?
 Or, as true deaths, true maryages untie,
 So lovers contracts, images of those,
 Binde but till sleep, deaths image, them unloose?
 Or, your owne end to Justifie,
 For having purpos'd change, and falsehood; you
 Can have no way but falsehood to be true?
 Vaine lunatique, against these scapes I could
 Dispute, and conquer, if I would,
 Which I abstaine to doe,
 For by to morrow, I may thinke so too.

¹ DONNE, John. Witchcraft by a picture. In: ____ *A selection of his poetry*. Penguin Books, 1967.

² DONNE, John. Womans Constancy. In: ____ *A selection of his poetry*. Penguin Books, 1967.

ENFEITIÇADO POR UMA IMAGEM³

Fixo meu olho no teu, e lá
 Pena minha imagem queimando em teu olho.
 Minha imagem diviso mais abaixo,
 Afogada em tua lágrima transparente:
 Tens a perversa e assassina habilidade
 De retratos fazer e desfigurá-los.
 Por quantas maneiras satisfaras tua vontade?

No entanto agora bebi tuas doces lágrimas salgadas
 E ainda que mais vertas partirei;
 Minha imagem dissipada, desvanecido o receio
 De que eu possa ser embruxado por tal arte:
 Mesmo que de mim retenhas
 Uma imagem ainda, lá ela estará,
 Em teu próprio coração, de toda malícia liberta.

CONSTÂNCIA FEMININA³

Agora me amaste por um dia inteiro.
 Que dirás amanhã, quando me deixares?
 Irás acaso antecipar alguma promessa, recém inventada?
 Ou então dirás que agora
 Não somos mais exatamente os mesmos?
 Ou que as juras feitas em reverencial temor
 Do amor, e de sua ira, pode alguém abjurar?
 Ou, como veras mortes, verdadeiros casamentos se desfazem,
 Também os compromissos dos amantes, imagens daqueles,
 Amarram só até que o sono, imagem da morte, os desate?
 Ou, teu próprio meio de justificar
 Teres proposto mudança, e falsidade,
 Não terás outra maneira, além da falsidade, de ser verdadeira?
 Orgulhosa lunática, eu poderia a todas essas esquivas
 Contestar, se quisesse, e venceria;
 Mas me abstenho de fazê-lo:
 Amanhã, poderei eu também pensar assim.

³ Tradução: Norberto Flach.